

Notas sobre a história recente da Fonética no Brasil

Olga Coelho
Karina Gonçalves S. Oliveira
Felipe Prais

RESUMO

Acompanhamos parte da história recente da Fonética no Brasil, ressaltando a percepção que foneticistas têm tido a respeito do papel das técnicas e tecnologias para o desenvolvimento de conhecimentos na área e a respeito da relação do campo de estudos com outros, em especial o de estudos fonológicos. O exame de revisões históricas, depoimentos pessoais e informações reunidas em bancos de dados historiográficos nos levou a interpretar que a Fonética tem um espaço “tradicional” nos cursos de Letras, em teses e dissertações, assim como nas associações científicas brasileiras. Pesquisadores da área veem as técnicas e tecnologias como fundamentais para a pesquisa e o ensino, buscam reatar laços entre a Fonética e a Fonologia, além de lidar com novas interfaces. A partir das noções de *purificação* e *mediação* formuladas em Latour (2013[1991]), revemos compromissos científicos atuais e anteriores dessa especialidade no Brasil, e propomos que seu crescente interesse inter- e transdisciplinar corresponde a uma estratégia para lidar com objetos ofuscados por modelos mais purificadores da Linguística da primeira metade do século XX.

Palavras-chave: *História da Fonética; Historiografia Linguística; Empirismo.*

ABSTRACT

We follow part of the recent history of Phonetics in Brazil, highlighting the perception that phoneticists have had about the techniques and technology's role in the development of knowledge in the field and its relationship with other fields, especially those of phonological studies. The examination of historical revisions, personal testimonies, and information gathered in historiographical databases drove us to the interpretation that Phonetics has a “traditional” space in Language and Linguistics courses, in thesis and dissertations, as well as in Brazilian scientific associations. Researchers see techniques and technologies as a central aspect of research and education in the field. They also seem to try resuming relations between Phonetics and Phonology, as well as to deal with new interfaces. From the notions of *purification* and *mediation* formulated by Latour (2013[1991]), we review current

and previous scientific commitments of this specialty in Brazil and propose that its rising inter and transdisciplinary interest may be understood as a strategy to deal with objects overshadowed by purifier models of Linguistics in the first half of the 20th century.

Keywords: *History of Phonetics; Linguistic Historiography; Empiricism.*

As narrativas elaboradas sobre a história da Fonética no contexto ocidental, e também no brasileiro, por vezes destacam a “antiguidade” desse tipo de estudo. Ao que parece, o termo *Fonética* é do século XVIII¹, tendo sido proposto pelo dinamarquês Georg Zoega, mas o conjunto de ideias e de práticas que ele refere é bem mais remotamente reconhecível. A Fonética seria tão antiga quanto as preocupações com a linguagem de uma forma geral e um dos tipos de saberes linguísticos que mais precocemente foram se estabelecendo como “específicos” (v., entre outros, Cagliari (2006); Medeiros e Demasi (2006); Koerner (1993)²). Saberes da natureza dos que identificamos como fonéticos fundamentaram produtos tão antigos e especializados quanto, por exemplo, alfabetos e grafias; seções denominadas estudo das letras na longa tradição gramatical greco-latina; ortografias; manuais

1 Teria aparecido pela primeira vez em 1797, segundo Zwirner (1966, p. 18) *apud* Koerner (1993, p. 1).

2 Koerner (1993) assinala que, “segundo Panconcelli-Calzia (1941), a história da fonética remonta a três milênios, e provavelmente é tão antiga quanto o estudo da linguagem em geral” (p. 1).

de ensino de línguas, técnicas de alfabetização e letramento; formas de identificação e intervenção em usos típico e atípico da linguagem, entre outros. Seria possível, portanto, retroagir bastante no tempo e optar por vários caminhos em busca de antecedentes históricos para a Fonética no Brasil.

Optamos, no entanto, por privilegiar o século XX como recuo mais relevante de *contextualização* (cf. Koerner (2014, p. 58)) e também como corte temporal para o que estamos chamando de “história recente”. Trilhas possíveis para o exame da história da Fonética no século XX no Brasil poderiam começar pelos trabalhos de filólogos – como, por exemplo, José de Oiticica (1882-1967)³ ou Antenor Nascentes (1886-1972)⁴ –; pelos estudos heterogêneos dos congressos de língua nacional cantada, em 1937, e de língua nacional falada no teatro, de 1958⁵; pelas gramáticas e outros materiais com função pedagógica que examinaram a sonoridade do português e de outras línguas; pelos estudos dialetológicos que, no começo do século, colocaram o léxico e a fonética no centro das suas atenções, etc. Enfatizaremos, porém, o momento em que se estabelece uma *especialidade*, no sentido em que Murray (1994) propõe o termo: acompanharemos um *grupo* reconhecido como tal no contexto acadêmico e universitário, a partir dos anos 1970, com alguns recuos e projeções, levando em conta que é desse período em diante que podemos verificar esforços mais concentrados de pesquisa, feitos por pesquisadores socialmente identificados como *foneticistas* e inseridos no processo de crescente especialização, profissionalização e institucionalização dos estudos linguísticos no país (v., a respeito desse processo da Linguística brasileira como um todo, Altman (2004) e Sugiyama Junior (2020)).

148

A Fonética passa a ter representatividade e constância nos programas de pós-graduação e nas associações brasileiras de pesquisa linguística a partir desse momento, além de ser vista como parte essencial da formação em Letras. Concretamente, podemos observar, por exemplo, acompanhando Sugiyama Junior (2020), a presença usual das disciplinas Fonética/Fonologia nos currículos de graduação em Letras das universidades federais, assim como nos 5 cursos de graduação em Linguística do país, desde os anos 1960; a presença ininterrupta de artigos na área, correspondente a cerca de 7% de toda a produção linguística publicada ao longo dos 50 anos do GEL (v. Altman et al (1995), que aponta 8,5% no período entre 1978-1992, e Coelho (2020), que aponta 5% no período entre 1993-2018); 447 teses e dissertações

3 Autor do *Roteiro em Fonética Fisiológica, Técnica do Verso e Dição*, 1955.

4 Autor do *Ensaio de fonética diferencial luso-castelhana; dos elementos gregos que se encontram no espanhol (tese)* - Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1919 e, segundo Medeiros e Demasi (2006), responsável pela encomenda de equipamentos para o que poderia ter sido o primeiro laboratório experimental de fonética no Brasil, em 1929. Com a chamada Revolução de 1930, os equipamentos deixaram de ser entregues e o projeto não se realizou. Sobre o estudo de 1919 do autor, v., por exemplo, Danna (2019).

5 Disponíveis nos *ANAIS do I Congresso da Língua Nacional Cantada* (1938), São Paulo: Departamento de Cultura) e *ANAIS do Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro* (1958), Rio de Janeiro: Ministério da Educação).

defendidas na área em 36 universidades brasileiras entre 1949 e 2000, segundo o levantamento de Oliveira (2021). A produção de tais dissertações e teses, além de constante, apresenta crescimento significativo ao longo das décadas, acompanhando a expansão da pós-graduação no Brasil, como se vê a seguir.

Tabela 1 – Quantidade de mestrados e doutorados ao longo das décadas (1949-2000)

Período	Mestrados	Doutorados	Totais
1949-1960	0	1	1
1961-1970	7	2	9
1971-1980	64	11	75
1981-1990	80	16	96
1991-2000	216	50	266

(Elaborada por Karina Oliveira, com dados de Oliveira (2021))

O banco de dados constituído por Oliveira destaca a Unicamp como principal núcleo de formação de especialistas na área, com 78 dos 447 trabalhos, realizados principalmente no IEL, mas também na Faculdade de Engenharia Elétrica e na Faculdade de Odontologia de Piracicaba. Além da Unicamp, a PUC-RS se destaca como núcleo muito produtivo de pesquisas de mestrado e doutorado, com 66 trabalhos, seguida pela UFSC, com 46. Mas o espraiamento da produção é considerável: são, como dissemos, 36 instituições de ensino superior, de todas as regiões do Brasil, envolvidas com ela. E esses dados não incluem mestrados e doutorados realizados no exterior, importantes para a diversificação e atualização da área⁶.

Em artigo sobre os percursos dos estudos de Fonologia no Brasil, Bisol (2006, p. 446) traz à baila um outro aspecto caracterizador dessa produção institucionalizada e que se avoluma: a sua pluralidade teórico-metodológica.

Relacionando o desenvolvimento da teoria fonológica com seus sucessivos modelos à produção de teses no país, constatamos que não há lapsos teóricos na descrição do português, embora os haja no tempo, pois a produtividade nas diferentes etapas dessa caminhada, que vai de Mattoso Câmara Jr. a nossos dias, não manteve um ritmo regular. Todavia há sempre um estudo ou outro a documentar as fases diversas. (Bisol, 2006, p. 446)

É, portanto, uma história que permite vários caminhos narrativos de relevância.

Lidamos, neste artigo, com os estudos realizados no âmbito dos cursos de Letras e dos programas de pós-graduação na área, buscando dialogar tanto

⁶ Oliveira (2021) apresenta e discute esses dados. Sobre aspectos da internacionalização na área, ver também D'Angelis (2004).

com interpretações presentes em revisões históricas quanto com percepções delineadas em depoimentos dos pesquisadores da área no Brasil e de alguns dos seus pares no exterior. A trilha proposta enfatiza, portanto, a história que os participantes dessa comunidade de especialistas têm reconhecido como a sua história. Complementarmente, a trilha contrasta tais visões com informações advindas de bancos de dados específicos, notadamente os manipulados em Oliveira (2021), Coelho (2020) e Sugiyama (2020).

Nas revisões históricas e depoimentos pessoais acessados, dois tipos prioritários de reflexão se destacam: um primeiro, acerca do papel das técnicas e tecnologias para a Fonética; e um segundo acerca da relação dessa especialidade com outras. Acompanharemos essas reflexões.

1. Os foneticistas, seus experimentos, técnicas e tecnologias

Revisões da história da Fonética têm sublinhado a importância dos aspectos empíricos, técnicos e tecnológicos para o desenvolvimento do conhecimento na área. Podemos acompanhar Koerner (2014, p. 55-56) quando ele nos alerta para o fato de que a Linguística, diferentemente da Filosofia, por exemplo, construiu uma rica história de *ideias*, mas também construiu uma rica história de *práticas* – história essa às vezes menos ressaltada na historiografia tradicional. Algum nível de saber prático é requerido nos diferentes modos de tratamento de dados das subespecialidades da Linguística; no caso da Fonética, esse tipo de saber tem profunda importância. Vista da perspectiva dos seus agentes, a história da especialidade é uma história em que o quimógrafo, o osciloscópio, o raio-X, o palatógrafo, o espectrógrafo têm papel não acessório, assim como não o tem o treinamento procedimental dos pesquisadores que vão atuar no campo. A tensão entre o empírico e o especulativo, o teórico e o aplicado, que também se coloca para outras especialidades da Linguística, é bastante avivada aqui e tem impacto sobre o estatuto atribuído à Fonética em diferentes momentos, seja pelos próprios foneticistas, seja por atores exteriores ao campo de estudos.

Também no contexto brasileiro esse eixo de reflexão se mostra importante. Duarte (1982), Medeiros e Demasi (2006) e Callou e Leite (1990), por exemplo, salientam a relevância dos instrumentos e da constituição de laboratórios especializados para a viabilização de parte da pesquisa. Medeiros e Demasi (2006, p. 1), em relação a esse aspecto, relembram que:

O desenvolvimento de meios técnicos para o registro da fala – considerando-se que aspectos físicos podiam ser reproduzidos, como é o caso da forma de onda – é que permitiu à Fonética deixar o domínio das descrições de outiva e aquelas de caráter articulatorio para se voltar, também, para os fenômenos acústicos.

As autoras refazem um percurso que, por um lado, mostra como um certo conjunto de aparelhos e instrumentos permitiu chegar a investigações cada vez mais detalhadas de características dos sons da fala e, por outro lado, revela uma história intermitente e lacunar dos laboratórios de fonética no Brasil, sintetizada na Tabela 2 (a qual também traz dados encontrados em Duarte (1982) e Callou e Leite (1982)):

Tabela 2 – Primeiras iniciativas brasileiras em estudos experimentais de Fonética/Fonologia

Período	Evento
1919	Utilização do primeiro palato artificial
1929-1930	Tentativa, por Antenor Nascentes, de importação de equipamentos para um laboratório de fonética para o Colégio Pedro II
Anos 1930	Desenvolvimento de pesquisas sobre falares de diferentes regiões pelo chamado “gabinete de fonética da Divisão de Expansão Cultural do Departamento de Cultura”, chefiada por Mário de Andrade.
1957	Criação do Laboratório de Fonética da Universidade Federal da Bahia, por Néelson Rossi (1927-2014). O laboratório funcionou até 1962.
Anos 1960	Laboratório de Fonética da USP, Maria Antônia, provavelmente instalado por Francisco da Silveira Bueno
~1973	Criação, por Cidmar Teodoro Pais, de novo laboratório de Fonética na USP, chamado, a partir de 1985, de Laboratório Theodoro Henrique Maurer Jr.

(Elaboração própria, a partir de Medeiros e Demasi (2006);
Callou e Leite (1990); Duarte (1982))

É construída uma cronologia que começa em 1919, quando o primeiro palato artificial foi utilizado, e passa pela tentativa de Antenor Nascentes, entre 1929 e 1930, de montar um laboratório, nos moldes do que então havia em Coimbra, no Colégio Pedro II. Tal cronologia menciona gravações feitas em um laboratório incipiente, sob a égide de Mário de Andrade (1893-1945), nos anos 1930, com *fala* de várias regiões do Brasil (Laboratório do Gabinete de Fonética da Divisão de Expansão Cultural do Departamento de Cultura de São Paulo) e cita a fundação do Laboratório de Fonética na Universidade Federal da Bahia em 1957, pelo dialetólogo Nelson Rossi (1927-2014).

Depois dessas primeiras iniciativas, consta ter havido um laboratório, ainda nos anos 1960, na USP – segundo Castilho, em comunicação pessoal a Medeiros e Demasi, de responsabilidade do professor Silveira Bueno (1898-1989) –, e o *Laboratório Theodoro Henrique Maurer Jr.*, montado pelo professor Cidmar Teodoro Pais (1940-2009) na mesma USP, no início dos anos 1970, e que se manteve em funcionamento, mesmo que já precarizado, até os anos 1990. Alguns de seus aparelhos foram reunidos em um acervo histórico e

descritos, dessa perspectiva da sua utilidade e modernidade técnica em dado momento e posterior obsolescência como instrumentos de pesquisa, por Demasi (2005), assim como por Medeiros e Demasi (2006).

Medeiros e Demasi (2006) mencionam laboratórios mais recentemente instalados em universidades brasileiras, tais como o coordenado por Medeiros na USP a partir de 2003, o LAFAPE (Laboratório de Fonética e Psicolinguística) e o Laboratório de Fonética Forense, ambos sediados na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e ainda os laboratórios das Universidades Federais do Rio de Janeiro (UFRJ), de Minas Gerais (UFMG) e de Santa Catarina (UFSC). Outro laboratório, não mencionado nessa crônica, foi o organizado pelo professor Luiz Carlos Cagliari na Unicamp no final da década de 1980.

Com a mesma intenção vista nos registros históricos anteriores de ressaltar a importância da dimensão técnica dos estudos fonéticos, Wilmar D'Angelis (2004, p. 102) menciona, citando Faria (1977 [1965]), que em 1957 a *Divisão de Antropologia do Museu Nacional* publicava um *Manual de Transcrição Fonética*, elaborado por Mattoso Câmara.

Cagliari (2006), Cristóvão Silva (2009, 2006), Albano (2017, 2010, 1999) e também Medeiros e Demasi (2006) ainda esclarecem que, hoje em dia, estudos acústicos da fala podem ser feitos, com qualidade, com o computador (o que democratiza a realização de certos estudos e experimentos), e salientam que existem aparelhos de medição aerodinâmica e articulatória modernos e eficazes, também acopláveis a computador, mas menos utilizados em contextos acadêmicos como os da Linguística no Brasil, em função de custos, formação de pessoal e outras dificuldades.

Essas revisões e depoimentos de pesquisadores da área confluem para uma síntese:

A visão atual da Fonética e Fonologia reconhece a importância dos dados obtidos em laboratório, uma vez que desvendam a produção **real da fala**, proporcionando descrições mais confiáveis e, por conseguinte, explicações melhor fundamentadas dos fenômenos fonético-fonológicos. Neste sentido, daqui para frente, não será mais possível prescindir de um laboratório de fonética minimamente equipado, em que **o som seja capturado e perscrutado**, e no qual os estudiosos possam adquirir e renovar seus conhecimentos através da formação inicial e da pesquisa. (Medeiros e Demasi, 2006, p. 1, grifos nossos)

As vantagens do aparato técnico e tecnológico, que incluiriam a “captura” da “produção real da fala”, são, nessas reflexões, contrabalançadas

pelos riscos que a confiança exagerada nos equipamentos pode trazer. Cagliari (2006) aponta um deles, relativo aos estudos acústicos:

Com as facilidades da investigação acústica da fala nos atuais computadores, apareceram, recentemente, muitos estudos que se fecharam em procedimentos estatísticos duvidosos, deixando de lado a relação estreita que os sons da fala têm com a Fonologia e com a linguagem, em geral. São estudos sem valor lingüístico, porque não procuram descrever a linguagem como os falantes a entendem, mas as características sonoras da fala como a Física as entende. (Cagliari, 2006, p. 3)

Computadores e programas especializados têm facilitado a investigação acústica, mas, para o autor, não deveriam levar a tantos estudos que dissociam as propriedades físicas das fonológicas/lingüísticas dos sons da fala. Em outro ponto, Cagliari reforça esse alerta da seguinte forma:

Os aparelhos enganam mais do que descrevem. Quem interpreta é o ouvido e a mente humana tendo, no sistema da língua, seu programa interpretativo, não nos programas das máquinas, pelo menos de acordo com o estado atual das investigações. (Cagliari, 2006, p. 6)

A intervenção do sujeito, munido de “ouvido” e “mente” conduzidos pelo “sistema da língua, seu programa interpretativo”, aparece como o recurso fundamental da pesquisa de laboratório.

Cagliari ainda realiza um mapeamento das zonas de cooperação da Fonética com outros domínios do saber, ressaltando, mais uma vez, a necessidade de o foneticista preservar as suas especificidades como agente do conhecimento:

A interface mais usada atualmente é, sem dúvida, a interface com a engenharia de comunicação: telefonia, fala sintética, produção escrita a partir da fala e reconhecimento automático da fala por máquinas. Uma outra interface que tem apresentado grande interesse de ambas as partes é a que une a Fonética aos estudos de neurolingüística, em particular, com a patologia da fala e a fonoaudiologia. Numa dimensão bastante reduzida, a Fonética mantém interface com outras áreas, em que os estudos dos sons da fala entram com elementos importantes. Desse modo, a Fonética contribui para os estudos do processo de alfabetização, da leitura e da formação e do uso dos sistemas de escrita. Contribui também para o estudo específico de alguns aspectos da teoria li-

terária, como os estudos sobre poética, metrficação, estilística e até para mostrar características textuais relacionadas, por exemplo, com as atitudes do falante. Essas interfaces têm ajudado a Fonética a se interessar por aspectos da linguagem oral que nem sempre tiveram um destaque e uma atenção especial. Obviamente, a grande preocupação da Fonética é com o sistema da língua e, nesse sentido, as pesquisas fonéticas, mesmo estando ligadas a áreas extralingüísticas, passam por uma re-interpretação fonológica e de outras áreas da Lingüística e não acabam fora dos estudos lingüísticos. (Cagliari, 2006, p. 6)

Os trabalhos se abrem a novas conexões, lidando com objetos novos e com objetos antigos, mas pouco destacados. A questão da especificidade do conhecimento e dos interesses do foneticista é mais uma vez sublinhada.

Sobre interfaces, como as mencionadas por Cagliari, Koerner (1993) acrescenta que, nos contextos norte-americano e europeu, os foneticistas buscaram financiamento no que alguns chamam de “setor produtivo” e isso trouxe novos compromissos de pesquisa, às vezes induzidos por esses patrocinadores.

Encorajados, se não obrigados, pelos seus órgãos de governo a buscar financiamento para pesquisas fora dos lugares tradicionais, [...] instituições de ensino superior buscaram caminhos para obter contratos e dinheiro da indústria. Nessa busca por apoio externo, os laboratórios de fonética que antes haviam participado amplamente de pesquisas sobre diversas línguas, e de suas análises e ensino, voltaram a atenção crescentemente para empreendimentos nos quais a indústria poderia se interessar. Como resultado, às vezes eles foram remodelados em institutos de pesquisa sobre comunicação envolvidos no processamento digital da fala, reconhecimento de voz para sistemas de segurança e uma série de outras aplicações de conhecimento da fonética. Com essa mudança de direção e a reformulação da profissão, resta pouco espaço para a abordagem humanista tradicional da análise sonora, compreensão e ensino, sem mencionar a história de uma “arte/profissão que está morrendo”. [...]. (Koerner, 1993, p. 7, tradução de Karina Oliveira)

Oliveira (2021) mostra que, ao lado de tendências e compromissos como esses mencionados por Koerner, a produção de pesquisas de mestrado e doutorado no âmbito das universidades brasileiras preserva preocupações que o autor denomina humanísticas, como aquelas que se revelam em estudos voltados para a análise sonora em si, ou as que têm interesse no ensino, nas

artes, na cognição, por exemplo. Mas o alerta de Koerner parece necessário para uma especialidade com trânsito tão significativo por outras e bem inserida em uma ecologia tão agressivamente mercadológica como esta em que vivemos.

Em síntese, diríamos que a relação com outras formas de conhecimento e com instâncias sociais diferentes das acadêmicas tem requerido dos foneticistas reflexão, que, de um ponto de vista científico, é sobre o estatuto teórico da especialidade; e, de um ponto de vista sociopolítico, é uma reflexão sobre a serviço de o quê essa produção de conhecimento pode estar, ou vir a estar, conforme o nível de atenção dos pesquisadores às conjunturas.

2. *Purificação e mediação na Fonética contemporânea brasileira*

Uma outra recorrência nas diferentes narrativas em circulação sobre a história da Fonética (no nosso entender, diretamente relacionada à que dá destaque às técnicas e tecnologias) refere-se aos movimentos de aproximação e de afastamento de outras subáreas da Linguística e de outros domínios do conhecimento. Os textos de Cagliari e Koerner já nos trouxeram o horizonte mais amplo, qual seja, o das relações com outros campos do conhecimento e com a sociedade. Num horizonte imediato, e que se constrói já no século XX, a relação do que se tem denominado Fonética com o que se tem denominado Fonologia é uma das tensões que mais aparecem nas histórias contadas pelos pesquisadores que atuam na área.

Nós sabemos que a história da Linguística, sobretudo a partir do Estruturalismo, tem privilegiado a *purificação*, tal como caracterizada por Bruno Latour 2013[1991]). Houve um processo de separação de um objeto de estudos de características pretensamente homogêneas, fundante de uma *especialidade* (ainda no sentido que encontramos em Murray 1994) igualmente discreta, autônoma, em relação a outras. Esse processo não só separou os domínios da Fonética e da Fonologia, como também colocou a Fonética, ao menos em tese, num lugar de fronteira, que, dessa perspectiva pautada pela *purificação*, é visto como um lugar indesejado.

Um texto exemplar dessa visão *purificadora* que preponderou na Linguística ocidental no começo do século XX é o bem conhecido artigo “A Fonologia atual”, de Trubetzkoy (1933):

O que antes de tudo salta aos olhos é a profunda diferença que existe entre fonologia e fonética. Consciente desta diferença fundamental, a fonologia não deixa de acentuá-la com toda a energia de que é capaz. A fonética atual se propõe estudar os fatores materiais dos sons da fala humana: seja as vibrações do ar que a eles correspondem, seja as posições e movimentos dos órgãos

que os produzem. Em troca, o que a fonologia quer estudar não são os sons, mas os fonemas, isto é, os elementos constitutivos do significante linguístico, elementos imateriais, uma vez que o próprio significante o é (segundo F. de Saussure). (Trubetzkoy, 1981 [1933], p. 18)

A época em que vivemos se acha caracterizada pela tendência que manifestam todas as disciplinas científicas a substituir o atomismo pelo estruturalismo e o individualismo pelo universalismo (no sentido filosófico destes termos, naturalmente). Esta tendência pode ser observada em física, em química, em biologia, em psicologia, em ciências econômicas, etc. A fonologia atual não se encontra, pois, isolada. Faz parte de um movimento científico mais amplo. Resta somente esperar que as demais partes da linguística (a morfologia, a sintaxe, a lexicologia, a semântica, etc.) venham se unir muito rapidamente à fonologia, no que a este aspecto se refere. (Trubetzkoy, 1981 [1933], p. 28)

Essa *depuração*, que é vinculada a um *clima de opinião intelectual* afeito à imaterialidade, à estrutura, neste caso, vai ter no conceito de *fonema* (unidade abstrata da igualmente abstrata *langue*) o seu eixo fundamental, e vai cancelar a necessidade de separação (ao menos como ideia, talvez não como prática) entre o fonético e o fonológico, entre a Fonética e a Fonologia, nos modelos majoritários nos dois primeiros terços do século XX. Anderson (1985) mostra um caminho diferente nos Estados Unidos, uma vez que a descrição e a análise preliminares das línguas foram necessárias no início do século, enquanto na Europa, já com uma tradição de coleta de dados mais antiga e estabelecida, vários pesquisadores estavam pensando em questões teóricas e menos preocupados com questões descritivas. De todo modo, também no contexto norte-americano, a finalidade principal do estudo linguístico da fala, em boa parte do século XX, foi a de chegar ao domínio fonológico e os modelos com maior visibilidade também se pautaram pela disjunção entre fenômenos e níveis de estudo, bem como pela tentativa de criar definições e conceitos estáveis para a ciência linguística⁷.

Não é possível desprezar o valor desse esforço de *purificação*. A autonomização do objeto científico, naquele momento, garantiu a autonomização da Linguística, sua institucionalização e sua difusão. A distinção entre Fonética e Fonologia tornou-se, inclusive, a principal fonte de exemplificação da oposição *língua e fala* e crucial no processo de proposição,

7 V. a esse respeito o conjunto de sínteses teóricas disponíveis em Anderson (2010) e, para o caso brasileiro, os artigos publicados em Hora e Matzenauer (Orgs.) 2017.

à comunidade científica e à sociedade, da Linguística como ciência, como nós sabemos.

A comunidade linguística mundial lidou com essa cisão, incluindo a comunidade brasileira. Um fato interessante nas narrativas históricas que pudemos acessar é que o historiar a Fonética permitiu ir em busca de marcos como a utilização do primeiro palato artificial, por exemplo, enquanto o “início” da Fonologia no Brasil é, quase sempre, remetido a um marco especializado e apresentado nessa perspectiva da depuração científica: a tese de doutorado de Mattoso Câmara de 1949, que já tínhamos visto referida na revisão realizada por Bisol, e que aparece, por exemplo, também neste texto de Aryon Rodrigues com esse papel fundador:

Os estudos gramaticais de Mattoso Câmara Jr. incidem, essencialmente, sobre a estrutura fonológica e a estrutura morfológica da língua portuguesa. Sua contribuição *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa* é o primeiro estudo fonológico (e não simplesmente fonético) publicado em língua portuguesa, apresentado como tese de doutoramento em 1949 e publicado, em livro, em 1953. Os únicos antecessores sobre análise fonológica do português do Brasil são os breves artigos de Robert A. Hall Jr sobre «os fonemas unitários do português brasileiro», publicado em 1943, e de David R. Reed e Yolanda Leite sobre «os fonemas segmentais do português brasileiro, dialeto padrão paulista», publicado em 1947. **Ao contrário desses artigos, que se limitam a expor sumariamente o inventário dos fonemas depreendidos em duas variedades do português do Brasil (de Vitória, ES e de São Paulo, SP, respectivamente), o estudo de Mattoso consiste numa discussão fundamentada de toda a análise por ele desenvolvida com base na “variedade coloquial tensa do Rio de Janeiro” e é antecedido de uma substancial discussão e explicitação dos fundamentos teóricos da análise.** Aliás, em sua fundamentação teórica, Mattoso confronta os princípios da fonologia de Praga com os da fonologia norte-americana, tanto de Sapir quanto de Bloomfield, e lança mão, em sua análise, do que considera mais acertado em cada uma delas. (Rodrigues, 2005, p. 18, grifos nossos)

Oliveira (2021), ao examinar teses e dissertações defendidas entre 1949 e 2000, verifica, nesse intervalo de 50 anos, a preponderância de estudos que distinguem e separam “Fonética” de “Fonologia”, em um alinhamento com tendências internacionais. A tentativa revogação desse “*divórcio prejudicial para ambas as disciplinas*” (como o entende Abercrombie 1991, p. 16) vai ganhar mais força entre o final do século XX e o começo do XXI. Também no

Brasil, é desse período que datam as tentativas mais enfáticas de conciliação. Trata-se de esforços para a reintegração e mesmo indistinção conceitual entre o fonético e o fonológico. Veja duas ilustrações:

A fonologia de laboratório é uma posição metodológica dentro da Fonologia que afirma que o estudo das representações fonológicas deve incluir o método experimental. Não se trata, pois, de uma teoria fonológica e, sim, de uma abordagem aplicável a qualquer teoria cuja concepção das relações entre a Fonética e a Fonologia seja suficientemente clara para embasar hipóteses experimentais. O recurso à Fonética é necessário porque a experimentação geralmente implica o uso de medidas. Ora, enquanto a Fonética utiliza medidas há mais de um século, a Fonologia nasceu da premissa de que os contrastes fônicos obedecem a uma lógica binária (p. ex., /b/ se opõe a /p/ pela presença de voz). A proposta da fonologia de laboratório é conjugar a metodologia lógico-dedutiva da Fonologia com o arsenal empírico-quantitativo da Fonética. (Albano, 2017, p. 169)

Portanto, na discussão relativa aos avanços tecnológicos nos estudos da sonoridade, entendo que técnicas apuradas podem e devem contribuir para a descrição da sonoridade de uma maneira completa, que, em meu entender, combina os domínios que tradicionalmente concebemos como fonética e fonologia. Vários trabalhos rotulados como “fonologia de Laboratório” assumem a perspectiva de complementaridade entre a fonética e a fonologia e têm oferecido ampla compreensão da sonoridade. (Cristóvão Silva, 2009, p. 252)

158

Essas formulações mais recentes sobre as relações entre Fonética e Fonologia parecem estar alinhadas à constituição de um cenário científico (um dos, não “o”) mais receptivo a *mediações*. O cenário atual da Fonética – seja pelo cultivo das técnicas, seja pela abertura a modelos teóricos menos marcados pela *purificação*, seja pelo trânsito efetivo de pesquisadores por outros domínios científicos e sociais – parece privilegiar a transdisciplinaridade, ao menos em suas orientações e tendências de maior visibilidade acadêmica. Se um dia, como tendência majoritária, pareceu necessário delimitar clara e rigorosamente campos e objetos de estudos, é possível constatar, hoje, um movimento reverso, que tenta refazer as relações entre as diferentes áreas.

Tal processo, como assinala Prais (2021), não se refere somente às instituições do saber, mas também a um quadro social, político, artístico e cultural mais amplo, afeito a incorporar a diversidade, a pluralidade, a variabilidade e a fluidez. A movimentação atual não precisa e nem deve

levar a uma negação das inúmeras contribuições resultantes do que podemos entender como a depuração, a *purificação* ou, para usar um termo da Semiótica, a *triagem*. Tampouco deve levar à recusa a distinguir campos e objetos de estudo. Latour (2013), com seu projeto de *ciência simétrica* – operacionalizado no conceito de *redes* – teoricamente capaz de interligar diferentes domínios do conhecimento de forma simultânea, defende a coexistência das operações de *purificação* com o trabalho de mediação. Neste caso, os domínios *purificados* não são mais os pontos de partida, e sim produtos da *mediação* de objetos que são, de antemão, híbridos – ao mesmo tempo materiais e abstratos, para mencionar uma única dicotomia estruturante da separação histórica entre o fonético e o fonológico.

A história moderna da Linguística e, conseqüentemente, da Fonética e da Fonologia, é resultante dos contornos a ela conferidos pelo Estruturalismo, como seu paradigma de formação, mas também se compõe das tentativas de rupturas teórico-metodológicas que despontam entre o final do século XX e o começo deste. Essa história complexa e nada linear separou tipos de conhecimentos e sujeitos, de modo que índices dessas conjunturas se fazem ainda presentes, inclusive, na nomeação de instâncias institucionais. Afinal, os laboratórios são de Fonética ou podem ser, também, de Fonologia? O componente curricular é “Fonética”, “Fonologia” ou “Fonética/Fonologia”? Há na Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), por exemplo, duas comissões distintas, uma para cada campo; os pesquisadores parecem se identificar socialmente como fonólogos ou como foneticistas. Mas há, ao lado de tudo isso, uma ampla gama de cooperações, pesquisas e outras iniciativas integrativas, pautadas por concepções e atuações como as defendidas nos textos de Albano e Cristóvão Silva citados.

Na esteira da tese de Latour (2013) acerca da modernidade, a rearticulação das ciências atuais não estaria num futuro anti- ou pós-Estruturalista, que desautoriza a *purificação*, mas na articulação de tais práticas com as lastreadas por *mediações*. *Purificação* e *mediação* não entrariam mais em chaves opositivas e excludentes, e sim em composição, permitindo entrever novos caminhos a serem trilhados pelos linguistas, sem que ele tenha de abrir mão de conquistas do passado.

No caso da Fonética, seria preciso que a transdisciplinaridade que parece caracterizá-la neste momento não fosse vista como um erro científico ou uma espécie de “*eclétismo frouxo*” (Fiorin, 2008, p. 39), mas como uma prática de pesquisa que também se abre à *mediação* e permite lidar com objetos ofuscados ou não contemplados ao longo de uma história marcada pela *purificação*. Os enlaces, mais antigos ou mais atuais, com outras áreas da intervenção científica e social (que os pesquisadores da área tão bem reconhecem e mapeiam) entram nessa composição complexa.

Tentando captar como os próprios pesquisadores percebem seus processos de produção de conhecimento, diríamos que tensões atuais da Fonética se estabelecem em torno da busca por objetividade – materializada, aqui, no desejo de controle dos objetos de estudo por meio de técnicas e tecnologias cada vez mais refinadas, supostamente aptas a reproduzir a “fala real” –, uma busca, desta vez, ancorada na aceitação, defesa e até reivindicação de um lugar de *mediação* para a disciplina.

Esta narrativa se baseia em um exame muito particular de testemunhos e revisões históricas publicados por participantes dessa história e em específicos bancos de dados historiográficos. Todos os recortes *purificadores* e as *mediações* aqui ensaiados podem ter trazido vieses interpretativos dos quais ainda não desconfiamos.

Referências

ABERCROMBIE, David. *Fifty Years in Phonetics: selected papers*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1991.

ALBANO, E. C. O português brasileiro e as controvérsias da fonética atual: pelo aperfeiçoamento da fonologia articulatória. *DELTA*, vol. 15(especial), 23–50, 1999.

———. Retrospectiva da fonologia gestual no Brasil. In: BRUMDE-PAULA, M. R. (Org.), *IV Encontro do Dinafon: Programação e resumos*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2010.

———. Fonologia de laboratório. In: HORA, D. da & MATZENAUER, C. L. (Orgs.), *Fonologia, Fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017.

ALTMAN, C. *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas, 2004.

——— *et al.* Mapeamento historiográfico de produção linguística nos 25 anos do GEL. *Estudos Linguísticos*, Anais de seminários do GEL, Franca, p. 50-57, 1995. Disponível em: <<https://bit.ly/3cvbHZ1>>. Acesso em: 31 ago. 2019.

ANAIS do *I Congresso da Língua Nacional Cantada*. 1938. São Paulo: Departamento de Cultura, p. 55.

ANAIS do *Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1958

ANDERSON, S. R. *Phonology in the Twentieth Century: Theories of Rules and Theories of Representations*. Chicago: University of Chicago Press, 1985.

———. “Phonology.” In: HOGAN, P. (Org.), *The Cambridge Encyclopedia of the Linguistic Sciences*, p. 609–612. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. Disponível em: <<https://cowgill.ling.yale.edu/sra/phonology.htm>>. Acesso em: 08 ago. 2020.

BISOL, L. A fonologia: de Mattoso Câmara a nossos dias. In: CARDOSO, S. A. M, MOTA, J. A. & SILVA, R. V. M. (Orgs.). *Quinhentos anos de História Linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006.

CAGLIARI, L. C. Fonética: uma entrevista com Luiz Carlos Cagliari. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*. Vol. 4, n. 7, agosto de 2006, p. 1-8. ISSN 1678-8931 <www.revel.inf.br>.

CALLOU, D. & LEITE, Y. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. 2a. Ed. Revista. Coleção Letras. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

COELHO, O. 2020. 50 anos do GEL: caminhos da linguística no Brasil. *Revista Estudos Linguísticos*. Vol. 49, n. 1, 2020, p. 22-35. Disponível em: <<https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/view/2508>>. Acesso em: 28 mar. 2020.

CRISTÓFARO SILVA, T. Fonética e Fonologia: Perspectivas Complementares (Phonetics and Phonology: Complementary Perspectives). *Estudos da Língua(gem)*, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 25-40, 2006. DOI: 10.22481/el.v3i1.1007. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1007>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

———. Fonética: Desafios e perspectivas. In: DA HORA, D., ALVES, E. A. & ESPÍNDOLA, L. (Orgs.), *Abralin: 40 anos em cena*, p. 241–259. 1a. ed. João Pessoa: Idéia Editora, 2009. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/thaiscristofaro/2009_CAP_Fon%C3%A9tica:%20Desafios%20%20e%20Perspectivas.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2020.

CÂMARA Jr, J. Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. "O alinhamento pró-Estados Unidos da fonologia no Brasil." *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, vol. 4(1), 87–115, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1984-63982004000100007>>. Acesso em: 05 ago. 2020.

———. *Aryon das Línguas Rodrigues. Estudos da Língua(gem)*, vol. 4(2), 13–19, 2006.

DANNA, S. M. D. *A língua espanhola no Brasil: história de sua presença em materiais linguísticos produzidos entre 1919 e 1961*. São Paulo: FFLCH-USP [Tese de Doutorado], 2019.

DEMASI, R. C. B. *Do analógico ao digital: um estudo do registro sonoro a partir da criação do acervo do Laboratório de Fonética da USP*. Relatório de Iniciação Científica. FFLCH, USP, 2005.

DUARTE, P. Dialeto caipira e língua brasileira. Prefácio de AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo. Editora Hucitec. 4ª edição, fac-similada de edição de 1955, 1982.

FIORIN, José Luiz. Linguagem e interdisciplinaridade. *Alea*, v.10 n.1, jan-jun 2008, p. 29-53. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2008000100003>. Acesso em: 18/06/2021.

162 HORA, D. e MATZENAUER, C. L. *Fonologia, Fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017.

KOERNER, E. F. K. Historiography of phonetics: the state of the art. *Journal of the International Phonetic Association*, vol. 23(1), 1–12, 1993.

———. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Tradução de Cristina Altman et al. Vila Real: Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro, 2014.

LATOUR, B. *Jamais fomos modernos*. Ensaio de antropologia simétrica. [Tradução de Carlos Irineu da Costa. Revisão Técnica de Stelio Marras]. Editora 34, 2013[1991].

MEDEIROS, B. R. e DEMASI, R. C. B. *A história que nos conta o acervo do Laboratório de Fonética da USP*. São Paulo: Boletim on-line do CEDOCH, 2006.

O. COELHO
K. G. S. OLIVEIRA
F. PRAIS
Notas sobre a
história recente da
Fonética no Brasil

MURRAY, S. O. In: Theory groups in science. *Theory Groups and the Study of Language in North America - A Social History*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1994.

NASCENTES, A. *Ensaio de phonetica diferencial luso-castelhana; dos elementos gregos que se encontram no espanhol (tese)* - Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1919.

OITICICA, J. *Roteiro em Fonética Fisiológica, Técnica do Verso e Dição*, 1955.

OLIVEIRA, K. G. S. *História da Fonética e da Fonologia no Brasil (1949-2000): conservação e mudança no conhecimento em circulação em teses e dissertações*. Projeto de tese de doutorado em andamento. São Paulo: FFLCH-USP, 2021.

PRAIS, F. *Purificação e mediação no Curso de Linguística Geral (1916) de Ferdinand de Saussure*. Projeto de Iniciação Científica em andamento. São Paulo: FFLCH-USP, 2021.

RODRIGUES, A. D. A Obra Científica de Mattoso Câmara Jr. *Estudos da Língua(gem)*, vol. 2, 2005.

SUGIYAMA JUNIOR, E. *O Ensino de Linguística no Brasil (1960-2010): efeitos do processo de institucionalização da disciplina na configuração curricular dos cursos de Letras e Linguística*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2020.

TRUBETZKOY, N. S. A fonologia atual. In: DASCAL, M. (Org.), *Fundamentos metodológicos de linguística: Fonologia e sintaxe*, p. 15–35. Tradução de Rosa Attié Figueira. v. 2. Campinas, 1981 [1933].